

LIBERDADE E CRIAÇÃO

Ramon Bolivar Cavalcanti Germano
Universidade Estadual da Paraíba, Brasil
orcid.org/0000-0002-4175-2108

RESUMO: Partindo de uma passagem da *Odisseia*, na qual se relata o destino do herói Ájax, pensamos a relação entre liberdade e criação. Inspirados principalmente em Kierkegaard e em Bergson, sugerimos que a liberdade individual é sempre expressão de uma liberdade mais originária, de uma liberdade criadora que nos excede. A verdadeira liberdade é criação contínua do radicalmente novo. Por isso, *ser livre* não é agir segundo um arbítrio atomizado, isolado, mas entrar em um fluxo de criação insondável e não determinável que atravessa incessantemente o Eu, doando-o a si mesmo. É quando nossos atos emanam de nossa personalidade inteira, e não de um mero fragmento dela, que somos de fato livres. Sendo assim, a experiência que fazemos da liberdade depende de um mergulho profundo em nossa própria personalidade. Poucas vezes, contudo, queremos entrar em nós mesmos, porque ali encontramos algo que foge ao nosso controle, que se esquia de toda a determinação e previsibilidade e que dá a nossa liberdade e ela própria de maneira criativa, permeada de indeterminação. É por isso que experimentar a liberdade – como uma força que me excede, que é mais originária do que eu mesmo e da qual os meus atos emanam – é sentir *angústia*. A relação da obra com o artista – da qual nos valemos a título de exemplo – deixa ver com clareza o que há de indeterminação na atividade livre e criadora. Com efeito, assim como a atividade do artista, a ação livre é aquela que, na medida em que segue a sua própria *tendência*, descobre aí mesmo no seio dessa tendência, aquele núcleo de indeterminação que dota a ação de graciosidade, quer dizer, de criatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Liberdade. Criação. Kierkegaard. Bergson.

FREEDOM AND CREATION

ABSTRACT: Based on a passage from The Odyssey, which tells of the fate of the hero Ájax, we consider the relationship between freedom and creation. Inspired mainly by Kierkegaard and Bergson, we suggest that individual freedom is always an expression of a more original freedom, a creative freedom that exceeds us. True freedom is the continuous creation of the radically new. That's why being free is not acting according to an atomized, isolated will, but entering a flow of unfathomable and non-determinable creation that incessantly crosses the Self, giving it to itself. It is when our actions emanate from our entire personality, and not from a mere fragment of it, that we are truly free. Therefore, our experience of freedom depends on a deep dive into our own personality. Very often, however, we want to go inside ourselves, because there we find something that is beyond our control, that escapes all determination and predictability and that gives our freedom and itself in a creative way, permeated with indeterminacy. That's why to experience freedom – as a force that exceeds me, that is more

original than myself and from which my actions emanate – is to feel anguish. The relationship between the work and the artist – which we used as an example – clearly shows the indeterminacy of free and creative activity. In fact, like the artist's activity, free action is that which, insofar as it follows its own tendency, discovers right there, within that tendency, that nucleus of indeterminacy which endows the action with grace, that is, with creativity.

KEYWORDS: Freedom. Creation. Kierkegaard. Bergson.

Na *Odisseia* existem várias passagens que falam da *hybris* e de suas consequências funestas. Uma delas sai da boca do herói espartano Menelau. Ele relata ao jovem Telêmaco – ansioso por notícias do pai Odisseu – o que lhe sucedeu na ilha de Faro. Tendo ficado preso ali com os seus homens sem poder navegar, Menelau é instruído pela filha de Proteu, Eidóteia, a surpreender o seu velho pai, rendê-lo e fazê-lo relatar o motivo daquela estadia forçada na ilha. Menelau segue as indicações de Eidóteia e, junto com três companheiros, surpreende o divino Proteu deitado junto às focas. Depois de uma luta difícil, o velho Proteu, cansado, pergunta o que Menelau quer dele. O herói responde que quer saber por que o deus o prende ali, impedindo-o de avançar. E depois pergunta ainda qual o destino dos heróis que partiram de Tróia junto com ele, se estão vivos ou mortos. Proteu então responde. É um desses relatos que queremos compartilhar aqui. Proteu diz assim:

Ájax, baixéis de longos remos, se afogou:
Posêidon o arremessa no penhasco Gira,
pedra gigante, embora salvo do naufrágio;
vivera, ainda que o odiasse Palas, não
soltasse o verbo altivo, muito obnubilado:
“Salvei-me do insondável mar, malgrado os numes.”
Mas dele ouviu Posêidon essa enormidade,
e a força de suas mãos se apossa do tridente
fendendo em duas a pedra Gira. Uma metade
ficara firme; a parte onde o herói blasfemo
sentara-se despenca no oceano e a espuma
cinzenta ondulejando o engole no infinito.
Morreu nesse lugar, sorvido o salso líquido (2013, p. 74).¹

O brado altivo de Ájax: “salvei-me do insondável mar, malgrado os numes”, manifesta uma ruptura da ação de Ájax em relação ao poder dos deuses. Sua palavra sugere que ele prevaleceu, apesar dos numes, ou seja, que a ação que o salvou do “insondável mar” foi exclusivamente sua, um ato de liberdade estritamente individual, atomizado. Quando Ájax se

¹ Passo 500-510.

torna esse átomo, isolando-se do *cosmos*, ele imediatamente é engolido pelo mesmo mar que ele pensou sobrepujar. Ájax é vítima da *hybris*, uma presunção. Posêidon o disciplina, fazendo-o sorver o mar.

O que Ájax experimenta é a expansão de seu próprio *poder*, o fato de que ele pôde salvar-se da procela pela força do seu próprio empenho. O herói experimenta a sua própria liberdade. Mas a linha entre a salvação e a perdição é tênue. Ele salvou-se – e, para tanto, precisou valer-se de sua própria capacidade –, mas, ao mesmo tempo, ele foi salvo – porque aquela sua capacidade, aquela sua força de ação, não é completa e exclusivamente uma posse sua. Aquela força de atuação o excede, o transborda. Ájax é livre, mas a sua liberdade expressa uma liberdade mais originária, uma força de criação que é maior do que a pequena liberdade individual e que se vale dessa pequena liberdade para crescer e prevalecer.

A *hybris* é o esquecimento desse dado fundamental, a saber: que somos expressão de uma liberdade criadora que nos excede; que o nosso arbítrio individual é uma pequena liberdade ante a grande liberdade criadora que impulsiona a Vida. Quando o mortal esquece essa cláusula da vida, quando quer ser mais do que pode ser – quando quer ser “sua própria providência para toda a vida” (Kierkegaard, 2018, p. 35) –, então é disciplinado pelo tridente de Posêidon, isto é, torna-se incapaz de vivenciar a verdade de sua liberdade. Com efeito, a mensagem imorredoura dos gregos, aqui, – e que encontra eco em muitas outras sabedorias – é que ser livre é, ao mesmo tempo, submeter-se a uma liberdade superior e insondável, como o mar que tragou Ájax.

Kierkegaard chamou aquela *hybris* de desespero. Desespero é querer ser mais do que se é, é um tipo de desmedida, uma enormidade. A pessoa já não encontra a si mesma, já não é capaz de viver segundo a espontaneidade de sua personalidade (talvez os gregos dissessem: segundo a sua *moira*). Desesperada, a pessoa representa o seu papel, desempenha a sua função, reveste-se com a sua máscara, mas não mergulha na profundidade de si mesma, não é capaz de se deixar engolir pelo insondável mar. Nisso, seus atos não emanam de sua personalidade inteira, mas apenas da superfície, da couraça que a reveste. São como os atos de um autômato, que imitam a liberdade, mas apenas segundo um artil tosco. A verdadeira liberdade é, para falar com Bergson, “criação contínua de forma imprevisível” (Bergson, 2010, p. 45).

Quando Kierkegaard convida o homem a tornar-se si-mesmo, a tornar-se concreto, ele o faz segundo a imagem da entrega (do entregar-se). O remédio para a doença do Eu é que este repouse “transparentemente no poder que o estabeleceu” (Kierkegaard, 2022, p. 45). Ora, o

poder que o põe é aquele “insondável mar” que o texto de Homero descreve. Não é o poder do pequeno eu (do *ego*), do eu preso a si mesmo, atomizado, descolado da ligação umbilical que o une ao impulso criador da vida, à grande liberdade. Aquilo sobre o qual se deve repousar não é uma representação, ou qualquer coisa de exterior ao Eu, mas a sua própria verdade, a vida que repousa no mais profundo de sua personalidade e que doa constantemente ele (esse Eu, esse Si) a ele próprio.

Ainda, os gregos registraram isso no pórtico do oráculo de Delfos. O “Conhece-te a ti mesmo” não é uma exortação epistemológica, mas existencial. É uma exortação à liberdade. Conhecer-se a si mesmo é ser capaz de ser quem se é, é agir de tal maneira que cada ato da pessoa emane de sua personalidade inteira (assim sugere mais uma vez Bergson, como veremos adiante). A outra admoestação de Delfos diz o mesmo: “nada em excesso”. Não é um simples convite à moderação em relação aos prazeres. “Nada em excesso” significa: não queira ser mais do que és. *Conhece-te a ti mesmo*, ou seja, não se exceda a si mesmo. *Nada em excesso*, ou seja, chega a conhecer a tua própria medida. E há quem sugira que a tentação da serpente do Gênesis apela para essa desmedida, para aquela enormidade: “vocês serão como Deus” (Gn 3:5).

Lembremo-nos ainda, a esse respeito, que quando a belíssima ninfa Calipso, enamorada de Odisseu, ofereceu ao herói a imortalidade, ele não deixou de chorar seu pranto, porque ser quem ele era envolvia justamente retornar a Ítaca para o encontro com Penélope e com Telêmaco. A tentação da desmesura não o seduziu naquela ocasião. Ele permaneceu fiel à sua personalidade, ao seu destino. De que vale ganhar o mundo todo – mesmo a imortalidade – se nos perdermos de nós mesmos?

Mas, conhecer a si próprio é uma aventura angustiante. Pois quando olhamos nos olhos da nossa liberdade, encontramos o reflexo da dependência; quando tentamos sondar a origem do nosso poder, encontramos um *não-poder*. Experimentar a liberdade como uma força que me excede, que é mais originária do que eu e da qual os meus atos emanam, é sentir angústia. A intuição de Kierkegaard sobre a angústia é, neste sentido, insuperável. Poucas vezes queremos entrar em nós mesmos, porque ali encontramos algo que foge ao nosso controle. Experimentamos a liberdade como angústia porque sentimos que *ser livre* não é agir segundo um arbítrio atomizado, mas entrar em um fluxo de vida incontável cuja expressão verdadeira, no Eu, se dá apenas como *espontaneidade* e *criação*. Com outras palavras, a liberdade é angustiante porque não depende exclusivamente do eu, não está em seu domínio, não é uma criação exclusivamente sua. A liberdade do Eu é, na verdade, expressão daquela liberdade

criadora que atravessa incessantemente a vida desse Eu, que o doa a si mesmo e que o insere no fluxo dessa criação sempre renovada. Por isso, a angústia é a tonalidade afetiva que põe a personalidade do homem em contato consigo mesma num nível afetivo profundo. Com efeito, aquele ser humano é de fato livre, é de fato detentor de todos os poderes que, por si mesmo, ele realiza. Mas essa realidade de sua liberdade é, ao mesmo tempo, a realidade de um poder mais originário que dá essa liberdade e ela mesma de maneira criativa, não determinada. Significa que não somos apenas seres livres, mas que a nossa liberdade repousa em uma liberdade que nos precede e que nos excede. É isso que gostaríamos de ressaltar nos valendo de uma expressão de Bergson.

Em seus *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, lemos: “somos livres quando nossos atos emanam de nossa personalidade inteira, quando a exprimem, quando têm com ela essa indefinível semelhança que por vezes encontramos entre a obra e o artista” (Bergson, 1998, p. 120).

Sob esse ponto de vista, os atos livres não são frutos do meu arbítrio exclusivamente. O meu arbítrio é apenas uma parte da minha personalidade inteira. Ser livre é exprimir integralmente a si próprio, isto é, agir de tal maneira que aquela ação seja o gesto espontâneo de uma personalidade dinâmica e rica, um gesto que envolve a pessoa como um todo, e que não emana apenas de um fragmento dela. Mas a personalidade inteira não é um pequeno eu que quer isto ou aquilo de maneira indiferente. Tampouco é uma vontade descolada do tempo, que quer de maneira aleatória, alheia a qualquer tendência: “uma vontade *in abstracto*, uma entidade pura de pensamento, imparcial e indeterminada, que se estende sem diferenças a todas as coisas, inclusive às mais contrárias, é na verdade um absurdo” (Feuerbach, 2021, p. 51). Se houvesse um ato proveniente de uma vontade assim – de um eu abstrato e indiferente –, não haveria nesse ato nem sombra de liberdade. Um eu indiferente, que quer segundo uma vontade absolutamente indeterminada, é na verdade um “eu” *abstrato*, subtraído da temporalidade. Esse “eu” descolado do tempo é apenas um objeto artificial do nosso pensamento. A nossa personalidade inteira é essencialmente temporal, é um progresso contínuo “do passado que rói o futuro e que incha avançando” (Bergson, 2010, pp. 18-19). Por isso “é com o nosso passado inteiro, até mesmo com a curvatura primordial da nossa alma, que desejamos, queremos e agimos” (Idem, p. 20). É esse passado inteiro, avançando para o futuro, que constitui a nossa personalidade inteira. Não há qualquer ponto de neutralidade, de indiferença, de ruptura com o fluxo contínuo do tempo. A integralidade da nossa personalidade constitui uma *tendência* lastreada pela

temporalidade. Uma tendência não é uma predeterminação, não implica em determinismo, muito pelo contrário. A nossa vida interior se desenvolve, amadurece, mas cada um de seus momentos é absolutamente novo, imprevisível e indeterminável. Somos livres quando nossa ação assume a direção daquela tendência, o que não implica em formas de determinação prévia. É certamente por isso que Constantin Constantius fala da impossibilidade de uma *repetição* como uma imitação do mesmo acontecimento.² A única repetição possível é a retomada da criação, a repetição da espontaneidade “irrepetível” que constitui a verdadeira ação livre. O que pode se repetir não é isto ou aquilo, mas a qualidade do gesto criador, daquela ação que emana da personalidade inteira. A relação da obra com o artista, evocada por Bergson, ilustra bem isso:

O retrato terminado explica-se pela fisionomia do modelo, pela natureza do artista, pelas cores misturadas na paleta; mas, mesmo conhecendo aquilo que o explica, ninguém, nem sequer o artista, teria podido prever exatamente o que viria a ser o retrato, visto que predizê-lo teria sido produzi-lo antes de ele ter sido produzido, hipótese absurda que destrói a si mesma. O mesmo se passa com os momentos da nossa vida cujo artista é cada um de nós. Cada um deles é uma espécie de criação. E, na mesma forma como o talento do pintor se forma ou se deforma, e em todo o caso se modifica sob a influência das próprias obras que produz, igualmente cada qual dos nossos estados, ao mesmo tempo que sai de nós, modifica a nossa pessoa, visto ser a nova forma que acabamos de dar a nós próprios. Justifica-se, portanto, dizer que o que fazemos depende daquilo que somos; mas é necessário acrescentar que somos, em certa medida, aquilo que fazemos, e que criamos continuamente a nós próprios (2010, p. 21).

A relação da obra com o artista deixa ver com clareza o que há de indeterminação na atividade criadora. O artista só cria a partir daquilo que ele próprio é: um Kandinsky não pode pintar um Portinari e vice-versa. Parece que a obra está sempre já pré-determinada pelas suas condições de possibilidade. Estaríamos, assim, ante um determinismo mecânico. Mas não é este o caso. Na verdade, as condições de possibilidade indicam apenas aquela tendência que mencionávamos acima. O que a obra virá a ser permanece um mistério que mesmo o artista é incapaz de antecipar. É por isso que há angústia em todo processo de criação. Kierkegaard já sugeria, em termos diferentes, que a indeterminação engendra angústia.³ Sim, mas ao mesmo tempo a indeterminação presente na criação provoca uma alegria genuína, porque o fruto da criação torna-se radicalmente novo, uma surpresa, uma graça.

² Sobre isso ver *A Repetição* (Kierkegaard, 2009).

³ Ver *O Conceito de Angústia* (Kierkegaard, 2010, p. 45).

O fato é que a ação verdadeiramente livre conserva essa semelhança com a criação artística. Ninguém age motivado por nada, visto que há sempre uma tendência em todo agir. Mas a ação livre é aquela que, na medida em que segue a sua própria tendência, descobre aí mesmo, no seio dessa tendência, aquele núcleo de indeterminação que dota a ação de graciosidade, digamos assim, de *natividade radical*. É por isso que não há *indiferença* ou *neutralidade* na liberdade (porque há sempre já uma tendência). E é igualmente por isso que não há predeterminação (porque aquela tendência resulta no absolutamente novo).

Significa que a realidade da liberdade não envolve apenas uma ação exercida *pelo* Eu, mas também uma ação exercida *sobre* o Eu. Ser livre, neste caso, não é apenas criar, haja vista que todo “criar” é ao mesmo tempo um “ser criado”. O Eu que, como um artista, cria a sua obra (realiza a sua ação) na verdade está, a um só tempo, sendo criado por esta obra, por esta ação mesma. Que tipo de ambiguidade é esta?! O que ela exprime? Bergson menciona essa ambiguidade dizendo que nós “criamos continuamente a nós próprios” (Bergson, 2010, p. 21). Seria leviano concluir que isso quer dizer que nós, como agentes livres e sujeitos de nossa liberdade, criamos a nós próprios como criadores absolutos. Isso anularia completamente a essência daquela ambiguidade. Na verdade, criar continuamente [a si próprio] significa ser continuamente criado. Ora, isso mostra que a ação livre excede o agente, que a nossa liberdade não é absolutamente “nossa”, justamente porque ela só é “nossa” na medida em que nós somos dela. Eu não defino minha ação livre sem ser ao mesmo tempo definido por ela. Criar, neste sentido, é ser criado, ou seja, participar de um *acontecimento de criação* que envolve o Eu, mas ao mesmo tempo o transborda. Esse fluxo de criação é a liberdade.

Ser livre não é impor a si mesmo o seu destino segundo a força do seu próprio arbítrio. O modelo do artista mostra isso: ele pode fazer o máximo esforço no seu caminho criativo, mas, quando a obra medra, ele sabe que o seu esforço foi apenas necessário, não suficiente. A sensação de que alguma coisa incontrolável aconteceu ali – de que se deu uma inspiração, uma graça, uma dádiva – é comum no relato do artista. Mas é exatamente esse destino insondável, esse evento inexplicável e não controlável, que é a liberdade. Estar no controle, apoderar-se do destino, valer-se de si mesmo, impor a direção, tudo isso carrega o peso e a rigidez da determinação. O domínio completo da situação e o poder de intervenção coativa sobre o real – tudo isso parece liberdade, mas não é. Também o artista que, pela disciplina da prática, achou de dominar com perfeição a sua técnica, pode certamente causar espanto naquele que observa o seu virtuosismo; pode mesmo dar a impressão de uma exuberante liberdade criativa, mas essa

liberdade só é real quando, por um instante súbito, ele perde o controle, torna-se algo vulnerável e, de condutor, passa a também ser conduzido.

Kierkegaard, em algum lugar, usa uma imagem que achamos evocativa. Diz que alguém que quer serrar e põe força demais no serrote, acaba não serrando. O serrote trava. Para o corte acontecer, é preciso deixar o serrote serrar, ou seja, aliviar a pressão. Também o peso do arbítrio e do controle, quando faz pressão sobre a ação, trava a espontaneidade da liberdade. Revestido pela couraça de aço, o soldado está protegido contra o golpe súbito do inimigo. Os seus movimentos, contudo, são prejudicados. Ele perde toda a graça. Já o bailarino, movendo-se no palco quase nu, está muito exposto e vulnerável – e os olhares da plateia são mesmo como dardos –, mas, em compensação, o seu movimento pode ser livre e gracioso.

A previsibilidade, a invulnerabilidade, o controle e o apoderamento não deixam o serrote serrar, não permitem um movimento livre, anulam a possibilidade da novidade, da criação ou da liberdade. Uma realidade absolutamente previsível seria a realidade da não-liberdade. Mas onde ainda resta uma centelha de novidade, de imprevisibilidade, de subitaneidade, aí vigora ainda liberdade e criação. Estas, com efeito, só acontecem *subitamente*.

É por isso que a liberdade nunca é “malgrado ao numes”. No seu brado altivo, Ajax esqueceu-se de que a sua salvação não dependeu apenas da sua força, mas exatamente da possibilidade insondável aberta pelos “numes”. Pois os “numes” são a personificação da indeterminação, do radicalmente novo, do insondável. Os “numes” são a condição de toda criação e de toda liberdade. Jamais o homem é salvo do insondável mar “malgrado os numes”, mas sempre “em virtude dos numes”. Ora, o grito de Ajax pode ser traduzido assim: “Salvei-me do insondável mar, malgrado o insondável”. Tola enormidade! O insondável, que angustia e que esconde a perdição, é o mesmo que resguarda a salvação. Quisera o herói tivesse dito: “salvei-me do insondável mar, em virtude do insondável”, pois, aquilo que não podemos escrutinar para determinar e prever, nos angustia – é verdade –, mas é isso que garante a possibilidade de irrupção do *novo* (o que salva). É o enigma da liberdade: ela só existe ali onde nosso olhar perscrutador não consegue sondar; só vigora onde o controle e a previsibilidade se retiram. Ela é, em suma, o insondável, aquilo que nos sobrevém, que nos atravessa – tornando-nos seu veículo – e que nos excede. É nesse sentido que liberdade e criação se confundem.

Ser livre é ser tomado por aquilo que o poeta chamou de “pasma essencial”. É a qualidade de Alexis Zorbás, aquele que é capaz de ver “todas as coisas, todos os dias, como se fosse pela primeira vez” (Kazantzákis, 2011, p. 73). Essa “eterna novidade do mundo” é a

essência da liberdade, mas também a realidade de toda criação. Ora, o pasmo essencial, que revela a eterna novidade do mundo, é exatamente o súbito, o imprevisível, o insondável. Eu só sou capaz de ver a novidade radical quando estou à mercê. O pasmo é sempre de repente. Nenhuma coerção, nenhuma violência, nenhum exercício ativo de poder, é capaz de forçar a irrupção da novidade. É quando o homem se coloca à mercê, sobre 70 000 braças d'água, sobre o insondável mar, que a eterna novidade do mundo pode se mostrar para ele.

Uma outra imagem pode ser esclarecedora. A liberdade não é como uma flecha lançada em direção a um alvo determinado. Tampouco é como uma pedra arremessada sem direção, desalentada, abandonada ao seu próprio peso. A liberdade é como uma pluma abandonada ao vento. O vento sopra onde quer, não sabemos de onde vem, nem para onde vai, mas seu soprar insondável conduz a pluma segundo uma direção insuspeita, que não é a direção pré-determinada da flecha e nem a queda desalentada da pedra. O movimento da pluma é imprevisível, sem ser desalentado. Mas, só é assim porque a pluma repousa no vento, confia-se ao vento, entrega-se leve e, ao mesmo tempo, lépida.

O serrote, o bailarino, o homem sobre o insondável mar, a pluma ao vento. Todas essas imagens têm algo em comum. Evocam uma dimensão de vulnerabilidade, de entrega, de alívio da pressão e do desafio. Ser livre, nesse sentido, não é intensificar a ação, é antes uma sorte de inação. É o *wu wei* dos taoístas, a *obediência* dos cristãos, a *escuta* de Heráclito ou o *silêncio* que Kierkegaard encontra junto ao lírio do campo e ao pássaro do céu. Sem esse modo de *deixar-ser* e de confiar, nenhuma liberdade é possível e já não vigora qualquer criação.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Trad.: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

_____. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Trad.: João da Silva Gama, Lisboa: Edições 70, 1998.

FEUERBACH, Ludwig. *Espiritualismo y materialismo: especialmente en relación con la libertad de la voluntad*. Traducción de Leandro Sánchez. Medellín: Marín ennegativo ediciones, 2021.

HOMERO. *Odisseia*. Trad.: Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2013.

KAZANTZÁKIS, Nikos. *Vida e Proezas de Aléxis Zorbás*. Trad.: Mrissa Ribeiro Donatiello, Silva Ricardino. São Paulo: Grua, 2011.

KIERKEGAARD, S. *A Doença para a Morte*. Trad.: Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022.

_____. *Discursos Edificantes em Diversos Espíritos*. Trad.: Álvaro L. M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

_____. *O Conceito de Angústia*. Trad.: Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2010.

KIERKEGAARD, S. *A Repetição*. Trad.: José Miranda Justo, Lisboa: Relógio D'água Editores, 2009.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Ramon Bolivar Cavalcanti Germano

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Pós-Graduação em Filosofia (UEPB-UFRN-UFPE), tendo sido bolsista CAPES. Possui graduação em filosofia e mestrado em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem experiência na área de Filosofia com pesquisa doutoral dedicada ao pensamento de S. A. Kierkegaard. Atualmente tem se interessado pelos seguintes campos de estudo: filosofia oitocentista, particularmente Idealismo Absoluto (Hegel) e críticas (Feuerbach, Kierkegaard, etc.); filosofia da vida e filosofia da religião. E-mail: bolivargermano@gmail.com

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 10 de janeiro de 2024

Aprovado em: 29 de janeiro de 2024

Publicado em: 30 de março de 2024